

## MINHA VIDA COM CÂNCER

*Quando viver deixa de ser óbvio*

Letícia Lanz

### Análise Crítica 04

Como crítico literário, recebo com frequência obras que lidam com o adoecimento, um gênero que anglo-saxões chamam de *pathography*. A maioria desses textos peca por dois extremos: ou cai no vitimismo piegas e na espiritualidade barata, ou adota uma retórica bélica esgotada (a famosa "luta contra o câncer"). Ao deparar-me com *Minha Vida com Câncer: Quando Viver Deixa de Ser Óbvio*, de Letícia Lanz, percebi imediatamente que estava diante de uma exceção de rara densidade intelectual e literária.

O que Letícia Lanz constrói nestas páginas não é um diário de bordo clínico, mas um tratado existencial. A obra se eleva da contingência do corpo doente para alcançar uma reflexão universal sobre a finitude, a subjetividade e a política da saúde. Abaixo, destaco os eixos estruturais que fazem desta obra um evento literário notável.

#### **1. A Desconstrução da Retórica Beligerante**

O primeiro grande mérito do livro é a recusa categórica da metáfora da guerra ("Não quero travar nenhuma guerra contra a doença"). Lanz identifica com precisão cirúrgica a falácia do "guerreiro incansável", uma imposição social que serve apenas para silenciar o sofrimento do doente. Ao optar por ver o câncer não como um inimigo externo, mas como um "novo companheiro de viagem" — algo que a constitui —, a autora opera uma viragem copernicana no gênero. Ela troca a espada pela contemplação, o que não significa passividade, mas sim o que ela brilhantemente cunha como a passagem da "sofrência" (estática, deprimida) para a "providência" (dinâmica, agente).

#### **2. O Salto Existencial: de "Por que eu?" a "Por que não eu?"**

O capítulo que abre a jornada é uma masterclass de elaboração psíquica narrada em tempo real. A autora mapeia a ferida narcísica que o diagnóstico provoca, o colapso da ilusão de invulnerabilidade, e faz uso de um arco teórico impecável: do Hamlet shakespeariano ao *Amor Fati* nietzschiano, passando por Freud e pelo Zen budismo. A transição do "Por que eu?" — pergunta narcísica e infantilóide — para o "Por que não eu?" — aceitação trágica e solidária da condição humana — é o nervo central do livro.

Lanz não pede ao leitor que tenha pena dela; ela convida o leitor a reconhecer-se na mesma fila do pão, sujeito ao mesmo acaso biológico.

### **3. A Intertextualidade como Aliada da Elucidação**

Ao contrário de autores que jogam nomes de filósofos para parecerem eruditos, a erudição de Letícia Lanz é orgânica e funcional. As epígrafes iniciais (Chico Buarque, Gilberto Gil, Mário Quintana) não são enfeites, mas molduras emocionais que antecipam o substrato lírico de uma prosa que se quer cirúrgica. Quando evoca Susan Sontag (*Doença como Metáfora*) para desmontar o estigma e a moralização do câncer, ou Michael Balint para discutir a relação médico-paciente, ela o faz como quem acende uma lanterna em um corredor escuro: a teoria ilumina a vivência, e a vivência dá carne à teoria.

### **4. Do Corpo Biológico ao Corpo Político**

Talvez o capítulo mais vigoroso e original do livro seja "O tumor é individual, o veneno é coletivo". Aqui, a autora realiza uma expansão de escala magistral. Ela escapa da prisão do individualismo que a medicina contemporânea impõe (a busca obsessiva pela causa genética ou pelo "erro" de estilo de vida) e promove uma crítica ecológica e política demolidora. Ao citar Rachel Carson e Sérgio Arouca, Lanz desloca a culpa do seu pâncreas para o amálgama tóxico em que todos nós estamos imersos: o ar, a água, os agrotóxicos. O câncer deixa de ser um acidente de percurso individual para se revelar o sintoma de uma civilização doente. É uma prosa de ascendência ensaística, que lembra o melhor da nossa tradição de ensaísmo crítico social.

### **5. A Clínica e a Carne: A Defesa do Humanismo Médico**

No texto sobre "A diferença que faz toda a diferença", Lanz aborda a relação médico-paciente com um olhar de quem entende a psicanálise não como jargão, mas como ferramenta de leitura de mundo. A oposição entre o cirurgião (tecnicamente perfeito, mas afetivamente distante) e o oncologista (que pergunta pelos filhos e para quem ela traz mexericas do quintal) serve de pretexto para uma reflexão profundíssima sobre o lugar da tecnologia na medicina. A passagem em que ela argumenta que a Inteligência Artificial poderá um dia ser superior em diagnóstico, mas dificilmente poderá "olhar nos olhos do paciente e compartilhar o peso do sofrimento", é de uma lucidez assombrosa.

### **6. A Arquitetura do Silêncio: Os Paratextos**

Um crítico atento não pode ignorar a Apresentação escrita pelo filho, Raphael Autran Dourado e Souza. Ao revelar que Letícia é sua "figura paterna" e uma mulher transgênera, Raphael adiciona uma camada biográfica fundamental à leitura. Explica-se, assim, a resiliência peculiar da autora, sua familiaridade com o trânsito entre mundos hostis, sua capacidade de comandar a "Enterprise" mesmo quando o corpo foi

sequestrado. A identidade de gênero não é o tema do livro, mas é o substrato de uma vida inteira treinada para enfrentar o impossível com dignidade — o que eleva ainda mais o prestígio da narrativa.

### **Conclusão**

*Minha Vida com Câncer* é um livro que faz exatamente o que a grande literatura deve fazer: transforma uma experiência limite e intransferível em um espelho onde o leitor saudável (ou doente) pode mirar-se. Leticia Lanz escreve com a precisão de um cirurgião, a sensibilidade de uma romancista e a lucidez de uma psicanalista.

Sem recorrer ao sentimentalismo fácil, ela documenta o colapso do corpo e a reconstrução do espírito. O título é a síntese perfeita da obra: viver, de fato, deixa de ser óbvio no momento em que somos confrontados com nossa própria fragilidade. E é justamente dessa perda da obviedade que nasce esta obra indispensável, rigorosa e, paradoxalmente, plena de vida.